

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 005 09/02/2009 - Fone: 3340 3081

Cotação de Preços (09/02/09)	Recortes
<p><b>GRÃOS</b> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Feijão Carioca<sup>1</sup> - R\$ 80,00/ sc de 60 kg</p> <p>Milho<sup>2</sup> - R\$ 20,50 / sc de 60 kg</p> <p>Soja<sup>2</sup> - R\$ 47,00 / sc de 60 kg</p> <p><b>HORTALIÇAS</b><sup>3</sup> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Alface - R\$ 7,00 / cx de 6 kg</p> <p>Beterraba - R\$ 23,00 cx 20 kg</p> <p>Cenoura - R\$ 18,00 / cx 20 kg</p> <p>Chuchu - R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p>Couve Manteiga - R\$ 0,50 / (maço 500 g)</p> <p>Couve Flor - R\$ 28,00 / Dz</p> <p>Mandioca - R\$ 11,00 / cx 20 kg</p> <p>Morango - s/c</p> <p>Pimentão - Campo R\$ 12,00; Estufa R\$ 14,00 / cx 12 kg</p> <p>Quiabo - R\$ 22,00 / cx 12 a 14 kg</p> <p>Repolho - R\$ 12,00 / sc 20 kg</p> <p>Tomate - R\$ 28,00 / cx 20 kg</p> <p><b>FRUTICULTURA</b><sup>3</sup> (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Goiaba - R\$ 22,00/ cx 20 kg</p> <p>Maracujá - R\$ 1,40 / kg</p> <p>Tangerina Ponkan - s/ c</p> <p>Limão - R\$ 7,00 / cx 20 kg</p> <p><b>PECUÁRIA</b></p> <p><b>Bovino</b></p> <p>Arroba<sup>4</sup> - R\$ 75,00 <b>Não Rastreado</b> e R\$ xxxx <b>Rastreado</b></p> <p>Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou aneloreados)<sup>5</sup></p> <p>- R\$ 600,00</p> <p><b>Leite</b></p> <p>Litro<sup>6</sup> - Latão: R\$ --- ; Tanque: R\$ 0,55</p> <p><b>Suíno</b><sup>7</sup> - Vivo</p> <p>Kg - R\$ 2,10</p> <p><b>Aves</b><sup>7</sup> - Frango Vivo</p> <p>Kg - R\$ 1,707</p> <p>-- Galinha Caipira<sup>8</sup></p> <p>Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 22,00</p> <p><b>Carneiro</b><sup>9</sup></p> <p>Borrego: R\$ 2,50-3,00 / kg; carcaça R\$ 6,00; Ovelhas e carneiros de descarte: R\$ 1,80-2,00 / kg e carcaça R\$ 4,00</p> <p><b>Peixe</b><sup>10</sup> (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)</p> <p>Kg - R\$ 2,50</p> <p><b>Avestruz</b><sup>11</sup> - vivo</p> <p>Kg - R\$ 2,50-3,00</p>	<p><b>Nematóides podem inviabilizar o uso do solo, diz pesquisador</b></p> <p>Os nematóides são considerados fatores restritivos de produção. A falta de controle destas pragas ocasiona aumento da população nas lavouras e conseqüentemente perda de produtividade. Pesquisas apontam ainda, que os nematóides podem também inviabilizar o uso do solo.</p> <p>"A adoção sistemática de práticas de manejo que interrompam o ciclo de vida dos nematóides é a saída para produtor ter estas pragas sob controle", explica o pesquisador Jaime Maia dos Santos, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Jaboticabal/SP. O momento para adotar esta prática, conforme Santos, é no período de safrinha.</p> <p><b>Fonte: Agrolink</b></p> <p><b>Da horta para as prateleiras dos supermercados</b></p> <p>Acesso a alimentos na entressafra, agregação de valor, redução de perdas e diversificação da economia são algumas das vantagens do processamento de hortaliças. Essa atividade é também uma boa alternativa para geração de renda para pequenos produtores.</p> <p>"As hortaliças não têm um valor muito alto quando vendidas in natura, mas podem ser processadas em um bom número de alimentos secos, sucos, picles e doces, entre outros", explica a pesquisadora Cristina Maria Monteiro Machado, da Embrapa.</p> <p><b>Fonte: O Popular</b></p> <p><b>BASF lança tecnologia que identifica doenças nas lavouras</b></p> <p>Um diagnóstico rápido e preciso de doenças que atacam as lavouras é fundamental para assegurar o sucesso da colheita. Com essa preocupação, a BASF criou o Digilab, um sistema que auxilia na identificação dos sintomas das principais doenças em diferentes tipos de plantações e auxilia o produtor a escolher o procedimento correto de controle e prevenção.</p> <p>Com um microscópio digital, capaz de aumentar a imagem em até 200 vezes, o equipamento traz um software exclusivo da BASF com um vasto banco de dados e imagens das principais doenças. Com algumas amostras de parte das plantas, como folhas e caules, o produtor encaminha ao Gestor de Produtividade (profissionais capacitados pela BASF para operar o equipamento) e em poucos segundos obtêm o diagnóstico da lavoura.</p> <p><b>Fonte: Agrolink</b></p>

## Pecuaristas já usam várias plantas

O que os pesquisadores tentam comprovar cientificamente, produtores rurais e pecuaristas que buscam alternativas mais naturais já utilizam no dia-a-dia da fazenda. A sua experiência serve, até, de fo

nte para a pesquisa, diz Ana Carolina, da Embrapa.

Nas quatro fazendas do Grupo São Marcelo, em Tangará da Serra e Juruena (MT), nenhum animal é tratado com medicamento alopático. Os bovinos, tanto do rebanho orgânico quanto do convencional, são tratados com fitoterapia e com homeopatia.

O nim, triturado e misturado ao sal mineral, é a principal arma para o controle de vermes, mosca-do-chifre, bernes e carrapatos. Já os suínos são tratados com cerca de 15 plantas, a maioria cultivada na própria fazenda.

O grupo é o maior produtor de carne orgânica do País. Mas também possui fazendas com criações em sistema convencional. Do rebanho de 85 mil cabeças, cerca de 30 mil são orgânicas. "Testamos os produtos naturais no rebanho orgânico e tudo o que dá certo levamos para o convencional", explica o diretor do grupo, Arnaldo Eijsky.

O uso de medicamentos naturais no rebanho convencional é uma estratégia para reduzir o nível de resíduos também na carne convencional.

### ALECRIM PARA SUÍNOS

Já para o rebanho de suínos, que ainda não é orgânico, a lista de plantas é mais extensa: o alecrim é antifúngico; o bálsamo ou babosa, cicatrizante e antiinflamatório; o boldo, digestivo e protetor hepático; o mastruz é usado como vermífugo; terramicina é antibiótico natural; couve é laxativa; melissa e a cidreira são calmantes; carqueja é diurético, o talo ou a folha da bananeira agem como antidiarréicos. "Cultivamos as plantas numa horta de 2 hectares", explica o diretor, que conta com orientação de um especialista em fitoterapia.

Mas ele alerta: "Só homeopatia e fitoterapia não resolvem 100% dos problemas. É um conjunto de ações, que inclui também o bem-estar dos animais, higiene e o equilíbrio com a natureza."

A responsável técnica de um laboratório especializado em homeopatia animal, Maria do Carmo Arenales, diz que a demanda por produtos mais seguros não tem volta. "A cada ano mais moléculas químicas são proibidas, seja pelos danos ao meio ambiente, por resistência ou mesmo pelos resíduos nos produtos, na carne e no leite", acredita.

Atualmente, diz, o principal setor consumidor dos produtos homeopáticos é a pecuária leiteira, "por causa da IN 51". A Instrução Normativa 51, do Ministério da Agricultura, em vigor desde 2005, exige análise e controle, entre outras substâncias, de resíduo de antibiótico no leite. "Depois vem o mercado de carne bovina, pois o gado com sangue europeu é mais suscetível ao carrapato, por exemplo."

